

ESTUDO SOBRE AUTOMEDICAÇÃO NO USO DE ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROÍDES NA CIDADE DE VALPARAÍSO DE GOIÁS

STUDY ON SELF-MEDICATION WHEN USING NSAIDS IN THE CITY OF VALPARAISO DE GOIÁS

Francyellen Almeida da Silva

Farmacêutica pela Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires
coordenacao.laboratorios@senaaires.com.br

Hellayne Karyna Oliveira Sousa Duarte

Farmacêutica
francyellen8@gmail.com

Ronney Jorge de Souza Raimundo

Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília.
ronney.jorge@gmail.com

RESUMO

A automedicação pode ser definida como o uso de medicamentos sem prescrição médica, quando o próprio paciente decide qual medicamento utilizar. De acordo com estudo realizado, no Brasil os anti-inflamatórios não esteroides é a classe de medicamentos mais utilizada sem orientação médica. Temos como objetivo deste estudo verificar a automedicação com os anti-inflamatórios não esteroides na cidade de Valparaíso de Goiás. Trata-se um estudo com abordagem quantitativa, no qual foi realizada entrevistas durante a compra de medicamentos em farmácias privadas, localizadas na área urbana do município de Valparaíso do estado de Goiás, Brasil, no período de outubro a novembro de 2014, o instrumento de coleta de dados foi empregado a 100 clientes. As mulheres estão acima nessa distribuição com 44% dos entrevistados que fazem o uso da automedicação de anti-inflamatório não esteroide e apenas 12% das mulheres não fazem essa prática, já os homens entrevistados com 16% não fazem o uso da automedicação e 15% fazem uso indiscriminado de anti-inflamatório não esteroide, com o resultado dessa pesquisa observamos que as mulheres se automedicam muito mais do que os homens. No Brasil, estudos apontaram as mulheres como mais representativas em relação à prática de automedicação. Os resultados obtidos no presente estudo nos mostraram que a taxa de automedicação ainda é muito alta em relação ao uso do anti-inflamatório não esteroide e mostra a necessidade de maiores orientações sobre o uso desses medicamentos, que sem perceber podem agravar ou ocasionar outros problemas de saúde se usados de forma inadequada. O profissional da saúde tem suma importância na intervenção desse ato.

Palavras-chave: Automedicação, Anti-inflamatórios não esteroides, atenção farmacêutica.

ABSTRACT

Self-medication can be defined as the use of non-prescribed drugs when the patient decides what medicine to use. According to a study conducted in Brazil the NSAIDs are the widest class of drugs used without medical advice. The objective of the following study was to verify NSAIDs drugs self-medication in the city of Valparaíso de Goiás. It is a study with a quantitative approach, which conducted interviews while people purchased medicines in private pharmacies, which were located in the urban area of the city of Valparaíso de Goiás, Brazil. It was held from October to November 2014, and the data collection instrument was applied to 100 customers. Women correspond to 44% of respondents who self-medicate with NSAIDs and only 12% do not follow such practice. From the men interviewed, 16% did not make use of self-medication and 15% use NSAIDs indiscriminately. Considering the result of this study the authors found that women are much more self-medicated than men are. In Brazil, studies have shown women as the ones who most self-medicate. The results of this study have shown that self-medication rate is still too high in relation to the use of non-steroidal anti-inflammatory and it shows the need for further guidance on the use of such drugs. Such drugs can aggravate or cause other health problems if used improperly. Health professionals are very important to provide such guidance.

Keywords: Self Medication, Non-Steroidal anti-inflammatory, Pharmaceutical Care

INTRODUÇÃO

A inflamação é um processo complexo caracterizado como uma resposta do tecido a uma lesão celular e envolve um grande número de células e mediadores químicos e biológicos que desencadeiam uma complexa cascata de eventos bioquímicos e celulares. Processo este que atrai células e estimula a liberação de diversos mediadores inflamatórios, podendo ser histamina, bradicinina, serotonina, produtos do ácido araquidônico e ATP (ALMEIDA e SILVA,2013).

Uma das causas da inflamação é o aumento na produção de prostaglandinas, sintetizadas pelas enzimas ciclooxigenase (COX) após o estímulo inflamatório nos tecidos. Assim, são desencadeados os sinais cardinais da inflamação: calor, rubor, tumor e dor (ALMEIDA e SILVA,2013).

A via das ciclooxigenases é mediada por enzimas que catalisam a biossíntese das prostaglandinas e tromboxanos, sendo que a COX possui três isoformas: a COX-1, a COX-2 e a COX-3. A COX-1 está expressa em vários tecidos, como intestinos, rins e estômago e possui papel citoprotetor nestes tecidos. A COX-2 não está expressa de modo constitutivo, à exceção de sua participação fisiológica na produção de PGI₂, de modo que apresenta sua

síntese induzida mediante a ocorrência do processo inflamatório, originando diversos prostanóides como as prostaglandinas que potencializam eventos como a vasodilatação. A COX-3 possui sua distribuição mais restrita que as duas outras anteriores, sendo abundantemente encontrada em amostras de tecido encefálico e cardíaco (SILVA, 2010; GELLER et al., 2012).

A automedicação pode ser definida como o uso de medicamentos sem prescrição médica, quando o próprio paciente decide qual medicamento utilizar. Inclui-se nesta designação genérica a prescrição de medicamentos por pessoas não habilitadas, como amigos, familiares ou balconistas de farmácia. Por trás desse ato, aparentemente sem consequências, existe um problema potencial para a saúde, pois uma dose inapropriada, administrada por via inadequada ou indicação terapêutica equivocada pode agravar o quadro e transformar-se em risco para o paciente (LAPORTA et al, 2005).

Os Anti-inflamatórios não esteroides (AINE) são um dos medicamentos mais procurados nas drogarias devido as suas ações terapêuticas como atividades analgésicas, antipiréticas e antiinflamatórias, a utilização desses medicamentos é devidamente notória. Qualquer tipo de inflamação, dor muscular, torcicolo é motivo para que a pessoa se dirija a uma drogaria atrás de um anti-inflamatório (LIMA e FILHO, 2010).

O consumo de Anti-inflamatórios sem prescrição médica está crescendo, não somente para doenças específicas como artrite reumatóide ou osteoartrite, mas também para muitas outras, como fenômenos dolorosos em geral, incluindo as dores de cabeça, gripes e cólicas menstruais. Isto é preocupante, visto que a automedicação pode aumentar os riscos de interações medicamentosas e de reações adversas (SANTANA, 2006).

Existem mais de 50 diferentes Anti-inflamatórios no mercado, porém nenhum deles ainda é considerado ideal, devido ao grande número de efeitos colaterais que ocasionam, tais como: distúrbios intestinais, efeitos renais adversos, distúrbios da medula óssea e distúrbios hepáticos (HOEFLER, 2004, p. 43-45; WANNMACHER, 2005, p.1-6).

Os efeitos da interação medicamentosa com os anti-inflamatórios não-esteroides são amplos, incluindo a diminuição da atividade dos betabloqueadores, o aumento do efeito tóxico do lítio, do metotrexato, do ácido valpróico, das sulfonamidas e sulfoniluréis, assim como o aumento da atividade dos anticoagulantes orais, dos hormônios tireodíanos, da digoxina, da insulina e hipoglicemiantes orais (RANG et al., 2001, p.189-194; SILVA, 2002,

p.556-565; KATZUNG, 2003, p.518-542; HOEFLER, 2004, p.43-45; KOROLKOVAS, 2006, p.21.1-21.11) Por trazer riscos à saúde, devido a automedicação e falta de informação, é importante verificar a automedicação com os anti-inflamatórios não esteroides na cidade de Valparaíso de Goiás.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se um estudo com abordagem quantitativa, no qual foi realizada entrevistas durante a compra de medicamentos em farmácias privadas, localizadas na área urbana do município de Valparaíso do estado de Goiás, Brasil, no período de outubro a novembro de 2014, o instrumento de coleta de dados foi empregado a 100 clientes.

Os critérios de inclusão adotados foram ter idade igual ou superior a 18 anos e que comprem medicamentos em farmácias do município de Valparaíso, excluídos aqueles apresentam a idade inferior a 18 anos. Desse modo, a população do estudo foi estabelecida.

Foi criado um questionário especificamente para este estudo constituído com questões fechadas relacionadas ao gênero, faixa etária e escolaridade, sendo sete sobre a utilização de anti-inflamatório não esteroides e duas sobre a atenção dos profissionais da cidade.

Após a coleta, os dados obtidos nas entrevistas foram tabulados, categorizados e digitados no banco de dados do programa Microsoft Office Excel 2007, gerando as tabelas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisas com Seres Humanas da Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, Valparaíso de Goiás, Brasil. Todos os indivíduos que aceitaram participar do estudo assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1- Distribuição dos entrevistados de acordo com sexo, idade e escolaridade.

	%
Gênero	
Masculino	36
Feminino	64
Faixa etária (em anos)	
18-29	50
30-59	45
Acima de 60	5
Escolaridade	
Ensino Fundamental	6
Ensino Fundamental Incompleto	26
Ensino Médio	36
Ensino Médio Incompleto	10
Ensino Superior	10
Ensino Superior Incompleto	12

Foram entrevistados 100 pessoas, observando na tabela 01 sendo 36% do gênero masculino e 64% do gênero feminino. De acordo com a tabela notou-se que 50% possui entre 18-29 anos, em seguida 45% entre 30-59 anos e apenas 5% acima de 60. Quanto à escolaridade, verifica-se que 6% possui ensino fundamental, 26% ensino fundamental incompleto, 36% ensino médio, 10% ensino médio incompleto, 10% ensino superior e 12% ensino superior incompleto.

Observou-se neste estudo maior prevalência de automedicação no sexo feminino, o que está de acordo com os resultados encontrados por Arrais, Coelho e Batista (1997), Loyola-Filho, Uchoa e Guerra (2002) e Aquino, Barros e Silva (2010). Fatores econômicos, políticos e culturais têm contribuído para o crescimento e a difusão da automedicação no mundo. Tais fatores se relacionam, dentre outros, a uma grande disponibilidade de produtos; simbolização da saúde que o medicamento pode representar; publicidade irresponsável; qualidade da assistência à saúde; dificuldade de acesso aos serviços de saúde em países mais pobres (DA SILVA E GIUGLIANI, 2004).

Estudo sobre automedicação no uso de anti-inflamatórios não Esteróides na cidade de Valparaíso de Goiás

Tabela 2- Distribuição da diferença em porcentagem entre homens e mulheres na prática de automedicação de anti-inflamatório não esteroide.

	%
Homens	
Sim	15
Não	16
Às vezes	5
Mulheres	
Sim	44
Não	12
Às vezes	8

Na tabela 2 estão distribuídos os entrevistados conforme sua prática de automedicação de anti-inflamatório não esteroide, diferenciando homens e mulheres. Podemos ver que 44% dos entrevistados que fazem o uso da automedicação de anti-inflamatório não esteroide são mulheres e apenas 12% delas não fazem uso dessa prática. Dos entrevistados, 16% representa homens não fazem o uso da automedicação e 15% fazem uso indiscriminado de anti-inflamatório não esteroide. Com o resultado dessa pesquisa observamos que as mulheres se automedicam muito mais do que os homens. No Brasil, estudos apontaram as mulheres como as mais representativas em relação à prática de automedicação. O perfil da automedicação em um município do Sul do país (idade média de 30,3 anos) mostrou que 65% das mulheres se automedicavam, contra 44,9% dos homens. Em Bambuí, MG, encontrou-se associação significativa entre automedicação e sexo, destacando-se o sexo feminino (SOUZA et al, 2011).

Tabela 3- Anti-inflamatórios não esteroides mais utilizados na prática da automedicação.

Medicamentos	%
Ibuprofeno	23
Dipirona	22
Diclofenaco Sódico	17
Nimesulida	14
Diclofenaco Sódico, paracetamol, carisoprodol e cafeína	10
Paracetamol	5
Piroxicam	4
Meloxicam	2
Ácido Acetilsalicílico	2

A tabela 3 apresenta os Anti-inflamatórios não esteroides mais utilizados na prática da automedicação pelos moradores da cidade de Valparaíso de Goiás. Na pesquisa destaca o ibuprofeno como Anti-inflamatório de escolha (23%), seguido da dipirona com 22%; 17% diclofenaco Sódico; 14% nimesulida; 10% diclofenaco, paracetamol, carisoprodol e cafeína; 5% paracetamol; 4% piroxicam; 2% meloxicam e 2% ácido acetilsalicílico esses Anti-inflamatórios são os mais utilizados pelos entrevistados. Estudos conduzidos no Canadá, Finlândia e Estados Unidos, (MAXWELL et al, 2008) entre os anos 1999 e 2008, mostram que os AINES eram usados com maior frequência do que o paracetamol. Essa mudança se deve, provavelmente, a programas educativos e publicação de novos protocolos que relatam o manejo apropriado para dor e inflamação. Os AINES provocam muitos efeitos adversos, principalmente no organismo envelhecido. Uma revisão sistemática com 13 estudos descreveu que das hospitalizações envolvendo medicamentos, 11,0% envolviam efeitos adversos e superdosagem referentes aos AINES (HOWARD et al, 2007).

Tabela 4 - Principais sintomas que levaram os entrevistados a utilização de Anti-inflamatório não esteroide sem prescrição médica e conhecimento dos usuários sobre as reações adversas que esse medicamento pode causar.

	%
Sintomas	
Dor de cabeça	37
Inflamação de garganta	25
Dor reumática	23
Febre	6
Ferimentos	5
Outros	4
Conhecimento dos usuários sobre as reações adversas	
Sim	29
Não	71

Na tabela 4 podemos ver que o sintoma que mais leva uma pessoa a utilizar Anti-inflamatório não esteroide sem prescrição é a dor de cabeça com 37%, seguido da inflamação de garganta com 25% e dores reumáticas com 23%, isso devido à ação analgésica e antitérmica que os Anti-inflamatórios também possuem. Conforme pesquisa aplicada na cidade de Quedas do Iguaçu – PR por GARBOSSA et al. (2008), com o tema Automedicação com analgésicos e Anti-inflamatórios, dores de garganta e dor de cabeça apresentaram os motivos principais da utilização de Anti-inflamatórios não esteroides. Podemos observar

também que a 71% dos usuários não tem o conhecimento sobre as reações adversas que esses medicamentos podem causar e apenas 29% sabem sobre essas reações adversas.

Tabela 5- Reação adversa aparente e efeitos indesejáveis relatados pelos entrevistados.

Já causou alguma reação adversa	%
Sim	20
Não	80
Efeitos Indesejáveis	
Dor no estômago	46
Alergia	15
Enjoo	15
Fraqueza	8
Pressão baixa	8
Sono	8

Dos entrevistados 80% disseram que nunca notaram nenhuma reação adversa a utilizar o medicamento, mas 20% relataram alguns efeitos indesejáveis causados por Anti-inflamatórios não esteroides, tendo como destaque as dores no estômago com 46% seguido da alergia (15%) e fraqueza (15%). Observou-se uma porcentagem insignificante de reações adversas provocados pelo uso de Anti-inflamatórios não esteroides, todavia, a dor no estomago foi o sintoma a mais apresentada pelos entrevistados que relataram algum efeito indesejável. De acordo com Michel Batloun (2010) os efeitos colaterais mais importantes dos AINEs (Anti-inflamatórios Não Esteroides) ocorrem no aparelho gastrointestinal. Aproximadamente 20% dos pacientes não toleram o tratamento com AINEs devido a tais efeitos, incluindo dor abdominal, azia e diarreia. O tratamento em longo prazo pode causar erosões e úlceras gástricas e duodenais. Embora muitos desses pacientes não tenham sintomas, apresentam risco alto de desenvolver complicações graves, como sangramento e perfuração do estomago. O risco anual dessas complicações graves é de 1% a 4% no tratamento crônico com AINEs. São mais suscetíveis de apresentá-los os pacientes idosos, do sexo feminino, com artrite reumatoide, história prévia de sangramento gastroduodenal, em uso de agentes antitrombóticos ou corticosteroides, altas doses de AINEs e presença de doença sistêmica grave.

Tabela 6- Indicação de Anti-inflamatório não esteroide.

Indicação	%
Amigos	15
Familiares	31
Balconista	32
Farmacêutico	22

Na tabela 6 podemos observar as indicações de Anti-inflamatórios não esteroides, destacou-se 32% sendo balconista; 31% familiares; 22% farmacêutico e 15% amigos. No estudo em questão, os balconistas de drogarias foram os responsáveis pela maioria das indicações sem orientação médica, seguido da recomendação de familiares. O mesmo resultado foi encontrado na pesquisa realizada por NUNES et al. (2006), em drogarias na região central de Guarulhos – SP apresentou também uma maior prevalência na indicação de medicamentos por balconistas de farmácia, os mesmos são procurados devido o difícil acesso aos hospitais e postos de saúde. Como em outros países, no Brasil a automedicação é uma prática amplamente difundida, e assim como prescrição errônea, pode acarretar efeitos indesejáveis. Podendo ocasionar desde o mascaramento de sintomas e doenças, até o surgimento de enfermidades iatrogênicas. (SOUZA; MARINHO; GUILAM, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A automedicação de uma forma geral é preocupante, e com os Anti-inflamatórios não esteroides não seria diferente. De acordo com os resultados desse estudo podemos concluir que a taxa de automedicação de Anti-inflamatórios não esteroides é alta devido a sua ação analgésica e antipirética, e também pelo fácil acesso a eles. Mais procurados pelas mulheres e por pessoas expostas ao trabalho pesado porque esses medicamentos se mostram eficazes no alívio da dor. Os Anti-inflamatórios não esteroides são uma das classes mais utilizadas pela população e são potenciais agravantes ou causadores de problemas gástricos e intestinais, como úlceras.

Por meio dos dados obtidos podemos observar com clareza a falta de informação das pessoas em relação ao medicamento e até mesmo a falta de um acompanhamento profissional para orientar e conscientizar as pessoas que os medicamentos devem ser utilizados com cautela, pois se não forem usados da forma adequada pode agravar ou causar outras patologias. O profissional da saúde tem um papel importante na orientação e prevenção da automedicação, e é de suma importância ter um profissional farmacêutico nas drogarias, visto que o farmacêutico obtém o conhecimento necessário da farmacocinética, farmacodinâmica, farmacologia e posologia de várias classes farmacológicas, para passar a orientar os indivíduos que utiliza a prática da automedicação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA P, SILVA D. Anti-inflamatórios não esteroidais mais dispensados em uma farmácia de manipulação do município de Itaperuna-Rio de Janeiro, Brasil. *Acta biomédica brasiliensia*. 2013; 4(01): 24-35.

Aquino DS, Barros JAC, Silva MDP. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciênc Saúde Coletiva* 2010;15(5):2533-8

Arrais PSD, Coelho HLL, Batista MCDS, e col. Perfil da automedicação no Brasil. *Rev. Saúde Pública*.1997;31(1):71-77.

BANKS AT; ZIMMERMAN H. J; ISHAK KG; HARTER JG. Hepatotoxicidade associada ao diclofenaco: análise de 180 casos relatados a Food and Drug Administration como reações adversas. *Folha médica*. 2001; 120(1): 52-60.

Da Silva CH, Giugliani ER. Consumo de medicamentos em adolescentes escolares: uma preocupação. *J Pediatr*. 2004;80:326-32.

GARBOSSA, Ana Flavia. Automedicação com analgésicos e Anti-inflamatórios na cidade de Quedas do Iguaçu-PR. Disponível em: http://www.sumarios.org/pdfs/673_3394.pdf. Acesso em: 25 set 2008.

GARCIA JBS. Ano internacional de combate a dor na mulher. *Jornal Dor* Ano VII-4º Trimestre de 2007. Disponível em: <http://dor.org.br/images/jornal26.pdf>. Acesso em 04/08/2008.

Howard RL, Avery AJ, Slavenburg S, Royal S, Pipe G, Lucassen P, et al. Which drugs cause preventable admissions to hospital? a systematic review. *Br J Clin Pharmacol* 2007;63(2):136-47.

KUMMER C.L; COELHO TCRB. Cyclooxygenase-2 inhibitors nonsteroid anti-inflammatory drugs: current issues. *Revista brasileira de anestesiologia*, vol 52.2002; 4.

LAPORTA L, MARIN E, ESCARRONE A, BITTENCOURT C, FRIEDRICH M. Avaliação da automedicação com Anti-inflamatórios não esteroides em farmácias comerciais de Santa Maria-RS. *Ciências da Saúde*. 2005; 6(1): 01-11.

LIMA H, FILHO M. Anti-inflamatórios não-esteroides e o uso indiscriminado: Um estudo em drogarias no município de Pimenta Bueno-RO. *Uningá Review*. 2010; 04(3): 13-20.

Loyola-Filho AI, Uchoa E, Guerra HL, e col. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Rev Saúde Pública* 2002;36(1):55-62.

LUZ TCB. – Fatores associados ao uso de Anti-inflamatórios não esteroidais em população de funcionários de uma universidade do Rio de Janeiro. *Revista brasileira de epidemiologia*. 2003; 9 (3).

MARQUES L. O ibuprofeno: um fármaco com sucesso. Centro de química e universidade de Évora.

Maxwell CJ, Dalby DM, Slater M, Patten SB, Hogan DB, Eliasziw M, et al. The prevalence and management of current daily pain among older home care clients. *Pain* 2008;138(1):208-16.

Estudo sobre automedicação no uso de anti-inflamatórios não Esteróides na cidade de Valparaíso de Goiás

NUNES, Ednéa dos Reis. Et al. Estudo do uso de medicamentos Anti-inflamatórios em drogaria da região central de Guarulhos(SP). Disponível em: <http://www.uninove.br/ojs/index.php/saude/article/download/434/414>. Acesso em 24 set 2008.

PEREIRA J, SOARES L, HOEPFNER L, KRUGER E, GUTTERVIL M, TONINI K et al. Riscos da automedicação: Tratando o problema com conhecimento. Área de extensão universitária: Universidade da região Joinville.

RIBEIRO, QUEIROZ A; SEVALHO, Gil; Cesar, Cibele Comini- Prevalência e fatores associados ao uso de Anti-inflamatórios não esteroides por pacientes submetidos a endoscopia digestiva alta. Revista brasileira de epidemiologia. 8(3). 2005; 306-315.

SANTANA HM. Consumo de Anti-inflamatórios não esteroides em uma farmácia comunitária em Juazeiro do Norte-CE. Monografia (Curso de especialização em assistência farmacêutica). Juazeiro do Norte: Escola de Saúde pública do Ceara; 2006.

SOUZA, J. F. R; MARINHO, C. L. C; GUILAM, M. C. R. Consumo de medicamentos e internet: análise crítica de uma comunidade virtual. Revista da Associação de Medicina Brasileira. Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 225-231, 2008.

VILETTE F, SANCHES A. Uso indiscriminado e/ou irracional de Anti-inflamatórios não esteroidais (AINE) observados em uma farmácia de dispensação. Visão acadêmica. 2009; 10(1): 69-76.